

TEOLOGIA E CIÊNCIA: HISTÓRICO DE UMA SEPARAÇÃO

Dr. Lindomar Rocha Mota
Mestre em Antropologia teológica e em filosofia; Doutor em filosofia pela Pontifícia
Universidade Gregoriana
Professor do programa de pós-graduação em Ciências da Religião – Puc Minas
Professor de filosofia e teologia no Instituto Sagrado Coração de Jesus/Diamantina

I. Introdução

Os últimos tempos vêm chamando a atenção para um problema pertinente ao fundamento da teologia. A própria Comissão Internacional de Teologia, que até 2005 era presidida pelo então Cardeal Joseph Ratzinger, apontou como um dos três temas principais de abordagem o estatuto epistemológico da teologia.

De um lado esta nova estruturação dos discursos que pretendem exonerar de seu meio o problema do fundamento, de outra parte, entretanto, este desconcerto de grande parte das ciências com relação ao problema de seus fundamentos abriu recentemente um espaço muito maior para se pensar a teologia e as ciências humanas.

As críticas ao desenvolvimento de um estatuto sobre a epistemologia da teologia também sofreu suas baixas dentro do próprio horizonte teológico. O filósofo Kierkegaard, por exemplo, era convicto que depois de Santo Tomás de Aquino a teologia entrou numa crise profunda justamente por ter se voltado para este horizonte epistemológico, o que estaria à base do ateísmo moderno e do rompimento com a cultura.

Esse efeito, nos últimos tempos, foi levado a cabo por Nietzsche e por Heidegger, que se lamentavam a respeito das mesmas conseqüências sofridas pela filosofia, que deixou de ser uma reflexão da vida para se sustentar numa reflexão sobre a vida. Deste modo podemos ligar o problema filosófico ao problema teológico através de Kierkegaard, onde se sintetiza a necessidade de que estas duas ciências devem se colocar no horizonte da cultura humana.

II. A teologia como ciência

Este embate gera inúmeros confrontos e mescla sentimentos diversos de reivindicações e de reprovações de ambas as partes.

Um ponto mais ou menos justo para esta problemática seria começar com uma pergunta. Assim mesmo! Desinteressado e afável à própria estrutura do tema.

Existe alguma razão para pensarmos que a teologia é ciência?

Esta resposta será demasiadamente extensa e com poucas chances de solução. Mas é sempre um ponto de partida, principalmente porque envolve uma série de reflexões que podem se desenvolver continuamente e com certa lógica.

Desvinculando o comprometimento entre a ciência e a religião, encontramos dois modos bastante distintos de definição. A ciência precisa ser especificada nos seus contornos para assumir uma identidade precisa. Tende a ser referida a sua atividade peculiar, enquanto

nasce de um desencadeamento da experiência, sem condicionamento nem afirmações *a priori*.

Por outro lado, a teologia é definida *a priori*, enquanto necessariamente se coloca contra a possibilidade da separação e do indefinido.

Vê-se bem a complicada articulação para se definir a relação entre ciência e teologia, e, com a religião em geral, porquanto, é necessário acomodar dois termos antitéticos.

Poder-se-ia definir precisamente a cultura como sendo um resultado direto da liberdade. A ciência vive na experiência. Nasce, desenvolve-se, progride ou morre. Sem culpa e sem ofensa ao processo de unidade.

A teologia, como a religião não! Ela subsiste sobre princípios perenes. Tem a pretensão de orientar indistintamente os caminhos para o desenvolvimento e para o progresso.

Aqui surge um choque bastante difuso entre a religião e a ciência.

No seu arcabouço completo a ciência envolve quase tudo que é importante para a vida: a economia, a política, a arte, a educação, etc. são todas as coisas que mudam efetivamente a *vida* no plano imediato.

A religião, que tem na teologia sua expressão científica, também reivindica o poder de mudar a vida. De sustentar a governabilidade dos princípios e de estender esta vida para além da cultura.

Falar, portanto, de teologia e ciência compreende, em princípio, falar da efusão efetiva da religião sobre a cultura, isto é, sobre a moralidade e as decisões morais, nos seus mais diversos seguimentos.

Esta efusão produziria o do encontro de ambas num território neutro. Não foi de graça que o filósofo alemão Immanuel Kant reduziu a compreensão da religião ao mundo da ética, à razão prática, indicando que o verdadeiro sentido deste sentimento é dar um pouco de ordem ao mundo efetivo e aos complicados entrelaçamentos das relações humanas. Corrigindo as injustiças presenciadas continuamente com a esperança de uma melhora progressiva.

A religião não *re*-liga, mas *re*-gula de modo eficaz a vida. Dando um pouco de consolo para aqueles que ainda não suportam o peso puro e único das decisões racionais.

Enquanto representante do Iluminismo, Immanuel Kant, encerra uma longa tradição com duração de um milênio na história do ocidente, onde a religião efetivamente dava as coordenadas para as determinações culturais.

Este entrave moderno afetou todas as relações entre a religião e a cultura. O anúncio de uma época da razão se opunha definitivamente a tudo que lhe havia antecedido, e espalhou sua influência, primeiro e mais decisivamente na religião, como já ficou claro, mas também na política, no direito e na ética.

Na modernidade ocorreram fatores precisos e identificáveis para o *pioramento* da relação entre cultura e religião, que vão desde os métodos, passando pela idéia de justiça e pela literatura. Conseqüente mente, estes fatos influenciaram bastante para o conflito entre teologia e ciência.

III. Teologia, Ciência e o problema do fundamento

O início constitui um problema para todos. Não é fácil para a teologia nem para a ciência fazerem o primeiro passo. Os teólogos começam este movimento partindo de onde a ciência terminara “Deus”.

A teologia pressupõe que Deus existe e que Ele se revelou. Mas este é o problema, pois a experiência não se pronuncia sobre este fenômeno.

Numa proposição aceita pela teologia que a ciência contesta, diz-se: Deus criou o mundo. Este raciocínio, entretanto, para a ciência é a crise da teologia. A ciência não é

autorizada nem credencia a teologia a retirada do mundo do seu plano físico para elevá-lo ao metafísico.

Neste caso, a teologia, carece de fundamentos mais do que a ciência, pois a ciência pode começar a seu pensamento com uma *pré-suposição* crítica, o teólogo não.

A pós-modernidade trouxe o debate temos uma nova chance ao discurso teológico, principalmente na superação da pretensa exatidão da ciência. É uma conciliação pelo esvaziamento dos processos cognoscitivos próprios da pós-modernidade, mas é uma abertura de qualquer modo.

A razão científica reduz o horizonte de seu discurso descartando as questões transcendentais, para tentar em uma última cartada mostrar a exatidão de suas proposições. Com isso, a ciência também passa a participar da crise que atingiu primeiramente a teologia.

Entretanto, a ciência ainda mantém um privilégio com relação á teologia, ela pode partir de um fato que seria a razão, o uno (logos). Este seria dentro de um limite anteriormente estabelecido seu ponto de chegada, enquanto que a teologia deve usá-lo como ponto de partida.

O objeto que a ciência evoca é comum a mim ex: cadeira, eu já converto uma imagem a sua realidade que é comum a todos nos. Mas se faço a mesma coisa com a idéia de Deus, como unificar, como tornar comum à idéia de Deus, como tornar científico este discurso?

Convém por isso olhar que tipo de fundamento interessa a teologia se ele é igual ao fundamento de todas as outras ciências.

Uma parte da resposta já parece ser elaborada *a priori*: o fundamento é o fundamento! A questão por tanto é outra: o fundamento deve coincidir com a exatidão e com a experiência? Pois este é o verdadeiro problema submerso no debate entre teologia e ciência.

Aristóteles pensava na questão do fundamento de maneira *sui generis*. De um lado era a substância o princípio do conhecimento, e depois era a relação de causa e efeito.

Nesta relação de causa e efeito Aristóteles se depara com a idéia de um *ser* sem movimento. O princípio do movimento seria então o problema do fundamento para a ciência em geral. Além desta idéia inicial, Aristóteles estabelece que a atividade que busca este fundamento é uma ciência. Ele fala da teologia como esta ciência, ciência do imóvel separado.

Nunca foi antes e nunca vai ser depois, ele é imóvel, mas todas as coisas vão em sua direção. Ele atrai todos os atos para si.

O movimento mais perfeito para Aristóteles é o movimento de rotação que está mais próximo do bem maior (ex. o Beato que chega até perto de Deus, mas não se torna Deus). Ele fica eternamente nesse movimento de rotação perto do motor imóvel, mas nunca pode adentrar a esse motor.

Aristóteles está tentando fundamentar a existência. Deus é objeto de ciência, ou existe uma ciência que estuda Deus (teologia) porque ela justifica a existência.

Este é um modo estranho de fazer ciência, mas absoluto necessário e apodítico, pois tem seu ponto de partida em um fato sem justificação, a existência.

A crítica moderna, contudo, desconfia que Deus possa ser justificado através da relação existencial. Hoje já não se sustenta as provas da existência de Deus, ninguém ousa falar delas. A ciência é aquilo que a razão humana busca. Kant entendeu isso muito bem. Superar a racionalidade humana a partir do seu próprio ponto de vista. No discurso da razão humana não se pode falar de um ser supra-sensível

Para se livrar deste emaranhado a ciência pretende permanecer no campo da experiência fenomênica. Mas depois ela se submete a outra crítica, aquela que exige um princípio de unidade.

Novamente aqui, Kant enxerga muito bem. Ele traz para a razão prática a idéia de Deus. A teologia não é abordada do ponto de vista teórico, mas entra nos limites da razão, através da prática efetiva da vida.

A ciência que é sempre da razão humana, e este parece ser uma constante na investigação de Kant, ela não pode desprezar seus próprios intuítos, inclusive com postulados que sustentem um discurso sobre a existência de Deus.

O fundamento, portanto, encontra-se dentro da própria razão. Com uma necessidade inerente a ela. É em nome dessa razão que nós vivemos.

O que se afirma então é que não podemos, contrariando a ciência que busca seu objeto no sensível, procurarmos Deus no supra-sensível, mas na razão humana. Deus torna-se assim a unidade de ação. Sem essa unidade não haveria o bem, cada um poderia viver da sua individualidade ética.

De Aristóteles a Kant a idéia de Deus permaneceu. Deus postulado é um princípio de unidade das ações humanas. Com Kant o princípio ou unidade está infiltrado no interior da razão humana.

O fundamento da teologia, enquanto resposta às críticas da ciência é um postulado, é bem verdade, entretanto, para o homem é um postular que se alcança através da coerência e se verifica na prática efetiva da vida.

IV. Sobre o fundamento

A questão intermitente entre a teologia e a ciência é a questão do fundamento. Para entendermos esta problemática temos que entender o que é um fundamento. Fundamento segundo Leibniz é o princípio que sustenta todas as coisas. Não apenas fisicamente, como somos tentados a pensar de imediato, mas a própria estrutura do discurso. No dizer de Leibniz “nada é sem fundamento”, esse é um princípio inquestionável.

Tudo que existe, existe por um princípio de razão suficiente. Quando investigamos o fundamento o objeto deve ser posto sem possibilidade de variação. Fora do princípio suficiente a ciência se cala. O grande princípio deve dar um fundamento para o objeto da ciência.

Foi exatamente este princípio que a época moderna negou à teologia. E, recentemente, a pós-modernidade a está negando também à ciência.

A teologia, aqui, é obrigada a buscar outro princípio de causalidade. Um princípio que preencha o itinerário do pensamento que busca sempre a causa e o efeito. Será que existe outro tipo de princípio de causalidade de razão suficiente? Como orientar o pensamento nessa linha?

O problema a este ponto é que para falar de Deus a teologia ver-se tentada a cair na mística, mas será que a mística daria conta da razão?

A esse ponto Heidegger quer repensar a ciência que identificam a coisa com o fundamento. Ou seja, sempre tem que se partir de uma coisa. Neste ponto Heidegger e Rahner contestam a história da tradição do ocidente, que identifica o ser com o pensamento. O fundamento escapa ao domínio do pensamento porque é ele quem sustenta o fundamento.

Como pensar a estrutura de um fundamento? Fundamento é a conexão de causa e efeito, mas porque isso não vale para Deus. A ciência não responde a essa questão. Por isso, sabendo que não pode tratá-la prefere abandoná-la.

O falar da teologia diz de uma existência que escapa do domínio de razão suficiente. Mas isso, longe de ser uma degradação para a teologia a coloca no cominho de uma verdadeira ciência, aquela que trata do fundamento, pois, para ser um verdadeiro fundamento ele deve escapar da relação causa e efeito.

Com o tema de Deus a teologia pretende chegar a um fundamento fora do ente. Um fundamento que não é retirado da experiência na maneira real do ser, mas um fundamento em sua própria maneira de ser.

A fórmula do fundamento, dada por Leibniz confronta-se com o fundamento da existência do homem e de Deus.

A teologia acrescenta, contra a ciência, que nem tudo pode ser colocado dentro do grande princípio *nihil est sine ratione*. Existe algo que se coloca a partir de si mesmo, e que dá sentido a tudo.

Neste caso, o fundamento, falando estritamente evoca uma existência que não se deixe levar pela necessidade de outra coisa. Uma existência paradigmática que possibilita um discurso sobre a essência. Uma razão que vem do homem que da existência a coisa e dá sentido.

A teologia é a ciência onde encontramos pela primeira vez a evocação do ausente. Esse exemplo vale para o fundamento e vale para outra existência, a de Deus.

Deus tem um sentido para existência. Tudo que vale para o fundamento vale para todas as coisas que existem como ele.

O discurso teológico organiza-se sem a presença de seu objeto. Mas, partindo da própria racionalidade sentimos o eco na consciência humana que não pode desfazer-se do fundamento. A ciência também parte sem o fundamento, mas sabe que sem a sua pressuposição seu destino será o niilismo, o nada. Como, entretanto, a ciência não pode dispor do fundamento na experiência contradição a partir de sua proposição mais forte.

A razão rebela-se contra si mesma, já que até agora não deu conta do problema do fundamento.

A unicidade teológica choca-se com a ciência porque evoca um pensamento para além da existência. Atrás da presença existe uma quase presença, ou seja, o fundamento que permite uma comunicabilidade. A comunicabilidade é a pretensão da ciência, mas ela repousa sobre o fundamento, que em linha de princípio não é presença, mas é a quase presença tratada pela teologia.

O ponto de encontro entre Ciência e teologia não o terreno da experiência o da transcendência, mas sim o da existência, um lançar-se no universo da compreensão.

V. Conclusão

Cada ente enquanto ente tem um fundamento. Logo, o fundamento não é uma questão exclusiva da Ciência ou da Teologia, mas de todos que iniciam uma investigação.

Tirar a teologia do âmbito das ciências pelo simples fato da não presença de seu objeto, significa, principalmente perder a atenção relacionada a fundação do discurso.

O fundamento significa mais acertadamente a ausência da presença. Deus se encaixa perfeitamente neste pressuposto. O perigo pode ocorrer, então, de duas frentes diversas, da ciência, que não admite nada além da experiência e da teologia, que responde a esta questão evocando Deus à presença.

A ciência, e aqui encaixo também a teologia, se torna ciência se superar algumas provas. Esta prova é uma lei colocada diante da experiência. É uma condição geral da pesquisa científica. Existe uma lei provisória como condição geral de toda a pesquisa científica que pressupõe um princípio que lhe dê o ser. Sem ela a ciência não é possível

Acontece que este princípio é indemonstrável, se for demonstrado deixa de ser um princípio. Aristóteles compartilha esta idéia. O princípio é uma pressuposição: pressupõe a unidade como base.

A unidade, portanto é o ponto de partida e de chegada da investigação. Antes de qualquer ciência é preciso respeitar a unidade, sob pena do ceticismo. Esse processo foi batizado pela tradição com o nome de teologia, ou seja, ciência dos princípios supremos. O discurso que não toma o princípio de unidade não pode ser elevado a diante.

A unidade encontra-se na essência da investigação. É o princípio que regula todas as ciências. E, descobrir está relação entre uma e outra ciência não é uma questão da ciência ou da teologia, mas sim da metafísica.

A disputa entre ciência e teologia e seu histórico de separação se resolve na unidade humana. Para a teologia, esta investigação metafísica se torna uma filosofia da religião. Que

investe não tanto sobre o objeto, mas da possibilidade de relação do homem com Deus. A filosofia da religião não quer provar a existência de um e nem de outro (Deus e homem), mas a relação que existe entre ambos. Nesse ponto de relação a filosofia da religião não pode se perder numa psicologia descritiva, pois entraria no terreno da ciência, mas deve se voltar para uma ontologia universal.

O discurso teológico não pode se basear em cima de sentimento, mas fazer desta relação uma ontologia fundamental, Deus é um problema para nós, e não para Ele mesmo. Enquanto princípio ele é uma condição necessária para existência das outras coisas. Nesse modo a teologia vira problema como a metafísica. Assim, a teologia, depois de apresentar sua necessidade para uma visão científica do mundo, sente a necessidade da ajuda da metafísica em seu processo de afirmação.